

Entrevista Vânia Cardoso Fernandes

Por que escolheu a química?

Então, não era que eu adorasse química. Mas eu já tenho uma prima que trabalhava na USP, fazia química, e a gente estava sempre junta, eu participava bastante da turma dela da química. Assim, quando teve vestibular, como eu não podia sair de São Carlos, cidade em que eu morava, e como eu gostava de exatas, minha opção foi química, mas não era que fosse apaixonada pela química.

Como foi a sua trajetória?

Bom, eu entrei na universidade em 1984 e fiz iniciação científica na área de química ambiental com o Professor José Talamoni (docente de 1975 a 1990), já falecido e em 1987 eu terminei a graduação. No final desse mesmo ano surgiram vagas para técnico de nível médio e superior na USP. Meus amigos que estudavam comigo, a maioria foi para o mestrado, eu não, eu queria trabalhar, não queria continuar estudando. Na época não havia prova de ingresso, era avaliação do currículo e entrevista. E assim eu consegui a vaga na cristalografia. E estou lá desde 1987: já faz 33 anos que eu estou na USP! Eu entrei na vaga de nível médio, e logo depois já houve as mudanças que permitiam passar para nível superior. E enquanto trabalhava como técnica fiz mestrado. No Grupo em que eu trabalho, Cristalografia e Química Quântica Teórica, há o Professor Albérico (Albérico Borges Ferreira da Silva, docente desde 1989) com quem eu me dei super bem (aliás, com todos os outros professores), e fiz o mestrado com ele. Meu trabalho na cristalografia é trabalhar com raio-X, com estudo de cristais. Então, dos vários professores, muitos eram cristalógrafos: a Professora Teca (Maria Tereza de Prado Gambardella, docente de 1987 a 2018), a Professora Regina Porto (Regina Helena Porto Francisco, docente de 1976 a 2002), a Professora Regina Santos (Regina Helena de Almeida Santos, docente desde 1974), a Professora Nana (Ana Maria Gonçalves Dias Rodrigues, docente de 1976 a 2002) e o Professor Jean Lechat (Johannes Rüdiger Lechat, docente de 1966 a 1994), já falecido. Eu trabalhava com eles, fazia medidas de raio-X, ajudava na orientação dos alunos e fazia análises para os alunos de iniciação científica, de mestrado e doutorado, ajudando-os nas práticas relacionadas à cristalografia e raio-X. E, em paralelo, como os professores eram responsáveis pelo curso de química teórica e prática para os alunos da engenharia, eu também ia para o laboratório ajudar nas aulas de engenharia.

Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Eu acho que a contribuição maior que eu vejo pelo reconhecimento dos alunos que passaram por lá, foi ter auxiliado na formação deles, tanto na parte prática, tanto na teórica. Sempre fui muito próxima aos orientados do grupo. Hoje em dia eu trabalho com um professor da área de química ambiental, o Professor Eduardo Bessa (Eduardo Bessa Azevedo, docente desde 2007), já que os professores da cristalografia ou já faleceram ou estão se aposentando, e eu auxilio o professor Eduardo na orientação dos alunos de química ambiental. E outro trabalho que estou fazendo agora é operar um equipamento de difração raio-X por pó na CAQI, prestando serviço para empresas, para os professores e auxiliando nas aulas práticas oferecidas no curso de química.

Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Eu devo muito ao IQSC, porque tudo que consegui foi graças a meu trabalho lá, e tenho muitas amizades, o pessoal que trabalha comigo eu gosto demais. Do IQSC, todo mundo que passou por lá, da chefia à direção, são pessoas com as quais eu nunca tive problema. Eu gosto muito do instituto. E tudo que eu tenho hoje é graças a minha formação e trabalho no IQSC.

Como você se imagina fora do IQSC?

Eu vejo agora pela pandemia, por ficar mais tempo em casa, o quanto eu sinto falta de estar presencialmente lá no meio das pessoas, no meio do movimento, convivendo mais, ter a rotina do trabalho, porque tempo para me aposentar eu já teria, mas não pretendo sair para fazer outra atividade fora, profissionalmente falando, mas há os hobbies que a gente tem vontade de fazer. Mas eu não pretendo parar tão cedo, já que eu tenho duas crianças em idade de ensino médio e universidade, então eu preciso continuar mais um tempo, ainda não me vejo fora não.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEX), no dia 16 de outubro de 2020, às 15h.